

Estudo crítico da Lenda de Caricé: uma contribuição
para a história do povoamento dos agrestes
paraibanos.

Erick de BRITO¹
Rau FERREIRA²

¹ Acadêmico em História UEPB, Sócio efetivo da SPA.

² Bacharel em Direito - UEPB

ESTUDO CRÍTICO DA LENDA DE CARICÉ: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DO POVOAMENTO DOS AGRESTES PARAIBANOS.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é contribuir com o entendimento do povoamento do Agreste Paraibano a partir da lenda de Caricé, cujo enredo narra a história melancólica de uma virgem nativa que sofre a saudade de seu amado trovador. O relato é recolhido pelo padre Luiz Santiago de Moura no início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Caricé, Lenda, Luiz Santiago.

ABSTRACT

The objective of this work is to contribute to the understanding of the peopling of Paraíba arid from the legend of Carice, whose plot tells the story of a virgin native melancholic suffering longing for her beloved troubadour. The report is collected by Father Luiz Santiago de Moura in the early twentieth century..

KEYWORDS: Caricé, Legend, Luiz Santiago.



INTRODUÇÃO

O padre Luiz Santiago de Moura (1897/1989) foi vigário da Paróquia de N. S. das Mercês do Cuité entre 1929 e 1941, tendo acumulado também em parte desse período as paróquias de Picuí e Pedra Lavrada (BRITO; OLIVEIRA, 2008 p. 45). Além de suas atribuições pastorais, era também pecuarista, produtor de algodão e agave, inventor, poeta, colecionador, piloto de aeroplanos, filósofo, rádio-amador e estudioso nos campos da etimologia e da arqueologia (Ibidem p. 51). Como podemos observar, era um homem à frente de seu tempo e um sábio que se destacava em meio à população simples interiorana da Paraíba.

Como resultado de seus inúmeros trabalhos e experiências, o padre Santiago chegou a publicar dois pequenos livros, alguns textos em jornais e ainda deixou muitos trabalhos inéditos que aos poucos estão sendo resgatados por estudiosos da região.

Porém, embora aja muito a se estudar com relação a este intrigante paraibano, neste trabalho, pretendemos apenas desenvolver uma análise crítica de uma de suas publicações: uma plaqueta de 16 páginas publicada em 1965 pela gráfica A Imprensa, sob o título “Fatos e lendas do meu sertão”³, onde narra uma lenda regional que ouvira em sua infância, no sítio Meia Pataca do então município de Areia⁴. O texto é A Lenda de Caricé.

Escrito em prosa poética, A lenda de Caricé pretende remontar o período de povoamento dos agrestes da Paraíba com argumentos históricos levantados nos Apontamentos para a História territorial da Paraíba, de João de Lyra Tavares, e serve de cenário ao padre poeta as imagens geográficas da região de Esperança, com realces agrestes e pitorescos.

O enredo da plaqueta narra à história melancólica de uma virgem nativa que sofre a saudade de seu amado trovador, e, com linguagem poética e simples, pretende mostrar a força poderosa da paixão selvagem.

Do valor das imagens e das comparações, só se pode julgar lendo o livro, mas como se trata de uma longa narrativa, não é conveniente transcrevê-la na íntegra neste artigo. Assim, os leitores terão que conformar com um resumo objetivo do enredo em pauta.

A LENDA DE CARICÉ

Segundo nos informa padre Santiago, esta lenda ele ouviu por vezes quando ainda era

³ Esta plaqueta teve uma tiragem pequena e hoje é considerada uma obra rara.

⁴ Atualmente o sítio Meia Pataca não mais pertence ao município de Areia, pois é um lugarejo rural situado na divisa entre os municípios de Esperança e Remígio, no agreste paraibano.

criança, entre 10 e 12 anos, na propriedade de Meia-Patada, contada por uma escrava forra de nome Gestrudes, que teria pertencido ao seu avô paterno. Segundo nos afirma o autor, a lenda Caricé estaria relacionada ao nome de uma cacimba pública de sua gente e encerrava tópicos de uma novela selvagem:

“A comoção popular deu àquele drama o nome de Caricé. A palavra vem do tupi-guarani, formada da junção de Caraiba e Cé. A primeira significando o sábio, o santo. A segunda, o canto. O canto do sábio, por aglutinação.

Dizem que dentre os moços do serviço de demarcação das Datas de Sesmarias, havia um que costumava cantar, nas horas de folga, à moda de endecha, ao som de um dolente violão, aos pés de uma cacimba pública, uma triste canção, tendo por acompanhantes os pássaros canoros e o murmúrio dos ventos. Por quem uma jovem índia se apaixonou. O jovem encantador era conhecido por Moraes, filho de João de Moraes Valcácer, um dos donatários da região e ela era da linhagem dos Banaboiés de Esperança, da tribo Cariri, que povoava o interior da Província, e chamava-se Yara.

O local onde se deu o drama – Meia-pataca - fica entre as terras de Remígio e Esperança, compreendendo as Sesmarias de Banaboié e Riachão de Banaboié, de João da Rocha, Manuel Gonçalves Diniz e Luiz Barbosa da Silva, de n°s 441, 759 e 930, enumeradas no livro de João de Lyra Tavares.

O amor da jovem nativa pelo trovador começou com ela colhendo frutos e oferecendo-lhe e, de tanto ouvi-lo cantar, aprendera a doce melodia do amor. Deixara-se envolver pela voz suave do mancebo e seus encantos aloirados.

Ao regressar a equipe de topógrafos, a jovem índia sentiu tornar-se indefinida paulatinamente. Tudo ao seu redor fazia-lhe lembrar do amado: os feixes de abrolhos, os duros espinhos dos cactos, as escarpas dos montes e o azul do céu. Por consolo canta o que aprendera. Via numa estrela a figura do estrangeiro, que transmudara de forma a cada nova canção. Era o seu consolo.

Os vizinhos acompanhavam de perto aquele drama. A jovem insulada mergulha num estado de alucinação. Pensara que seu ídolo fora residir nas regiões etéreas e passara a viver num dos astros. Assim, as luas lhe dão esperança e contentamento, mas ao final tudo é desengano para a jovem tresloucada. Procura dormir, mas o sono não vem. E toma a deliberação de fazer uma prece à Yaci, pedindo à mãe-lua que lhe dê um fruto. E a esperança lhe renasce.

Mas ao cabo de alguns meses o rebento não vem. Talvez o Guaracy [sol] lhe traga



algum alento, mas Guaracy, iluminando os prados, nada trouxe. E a índia sepulta definitivamente aquele amor jamais contido.

Yara chora cantando a sua dor, apanágio da alma. E assim como o orvalho nutre o coração das flores, as lágrimas da índia sublimam o seu ventre interior. E a alma do herói soergue-se, se é que a índia pudera assim fazer.

O espectro daquele amor da juventude é mesmo rude, como aqueles de sua tribo, e a palavra Caricé é de fato a síntese desse drama selvagem, vivido no seio das matas do sítio Meia-pataca, em pleno sertão da Paraíba” (Apud. SANTIADO, 1965).

ANÁLISE HISTÓRICA DA NARRATIVA

Segundo sua própria afirmativa, padre Santiago ouviu este relato reiteradas vezes quando ainda era criança entre 10 e 12 anos, conclui-se que remonte entre 1907 e 1909 o tempo em que o menino Luiz Santiago ouvia e se impressionava com esse relato amoroso.

A narrativa lhe foi passada por uma ex-escrava, certamente analfabeta, que havia pertencido ao seu avô, Izidro de Moura, e talvez por não ter para aonde ir, ou idade muito avançada para se aventurar no mundo, a negra permaneceu na casa da família Moura trocando seus serviços por abrigo e alimento. Era certamente próxima da família e devia trabalhar na cozinha ou cuidando das crianças, já que contava histórias para o menino.

Como a história em pauta é simples e, basicamente, relata o sofrimento de uma moça índia que se apaixonara por um homem branco quando este trabalhava demarcando terras na região, é bem provável que seja uma história real e de fato tenha existido este mancebo trovador. Mas, com certeza a narrativa recebeu toques da imaginação do poeta padre Santiago, superabundância de imagens e fundo histórico com base em pesquisa bibliográfica. Porque, certamente, uma velha ex-escrava do interior da Paraíba não poderia conhecer com tanta propriedade a língua tupi, sobre astronomia e nem referências etnográficas e históricas tão precisas.

Acreditamos que o rapaz que enamorou a suposta nativa não deveria ser filho de João de Morais Valcácer. O autor deve ter inventado esse pormenor com base no fato do rapaz supostamente se chamar Morais. É bem provável que os nomes Yara e Morais fossem influência dos nomes Iracema e Martin do romance de José de Alencar, até porque o Martin da Iracema representava a figura histórica do desbravador do Ceará, Martim Soares Moreno, o personagem de Santiago não devia ser diferente. Porém, já que João de Morais Valcácer devia ser velho



no tempo em que se passa a história (princípios do século XIX), como o próprio autor enfatiza (SANTIAGO, 1965 p. 15), o autor achou prudente inventar um filho mancebo para esta figura de relevância histórica para a região em foco.

Outro detalhe que é importante levantar é que a lenda conta que o jovem cantor era loiro, e isso conspira contra a versão de que fosse filho de João de Moraes Valcácer, pois este sertanista foi neto de D. Pedro Valcácer, que por sua vez foi chefe indígena dos cariri da missão de N. Senhora do Pilar de Taypu, conforme atesta um documento de 1714 (TAVARES, 1982 p, 87).

A suposta índia protagonista deste romance narrado por padre Luiz Santiago também não deveria se chamar Yara. Pois este nome tupi era como se designava uma sereia, ou mãe d'água, personagem que habitava os rios das fábulas indígenas amazônicas e, certamente, este mito era ainda desconhecido nos sertões da Paraíba em princípios do século XIX. No entanto, o padre Santiago demonstra conhecer a fundo as lendas amazônicas, pois no texto faz referências a lendas e histórias do rio Solimões (SANTIAGO, 1965 p. 09). É provável que Santiago tenha lido este nome para dar efeito indianista à narrativa, pois, muito provavelmente, a moça talvez nem fosse índia como quer a lenda, uma vez que praticamente não existia mais nenhuma tribo indígena em estado natural na Paraíba no tempo que reporta a narrativa, exceto alguns grupos que ainda viviam nas vilas de Baía da Traição e Monte-mor, no litoral da então capitania, mas já em estado bem avançado de aculturação.

Na narrativa de Santiago também aparece inúmeras falas da nativa evocando astros na língua tupi. É fato que o padre passou muito tempo estudando profundamente a língua e os costumes indígenas e, sem dúvidas, se apropriou deste conhecimento para enriquecer o texto com alusões à língua tupi. Porém, certo mesmo é que desde 1758 que as línguas e costumes nativos estavam proibidos no Brasil e, por isso, a moça, mesmo se fosse de ascendência índia, não deveria se expressar numa língua já em desuso há pelo menos 50 anos.

Na narrativa, padre Santiago diz que a palavra Caricé “vem do tupi-guarani, formada da junção de Caraiba e Cé”. Não temos propriedade em línguas nativas, por isso consultamos o historiador Vanderley de Brito para nos dar alguma luz sobre o assunto e, segundo este historiador, estudioso de línguas nativas, o topônimo Caricé não é etimologia tupi, seria de origem cariri-kipeá e parece vir de caraí + isé, que quer dizer “do branco dono da casa”, e como se trata de uma cacimba⁵, muito provavelmente os nativos era impedidos de utilizá-la sem autorização do proprietário das terras e, por isso, a denominaram assim para diferenciar esta das

⁵ Cacimba é uma espécie de poço artesanal muito utilizado no Nordeste brasileiro, muitas vezes é cavada em leitos secos de rios.

demais cacimbas da região que eram de domínio público. O topônimo deve remontar o início do século XVIII, quando os índios bultrins ainda viviam em aldeias naqueles agrestes.

Não há dúvidas de que a versão da lenda de padre Santiago foi inspirada na obra *Iracema*, de José de Alencar, publicada em 1865 e em outros autores como José Basílio, Gonçalves Dias e na lenda de Caturité, escrita em fins do século XIX por Irineo Joffily, pois estes autores desenvolveram histórias românticas sobre os costumes indígenas e suas obras influenciaram muitas gerações.

O padre Santiago era um erudito, ao longo do texto cita obras de Antonio Sepp, Gabriel Soares de Souza, Batista de Castro, Luciem Adam, Martius e João de Lyra Tavares para fundamentar suas intervenções na narrativa e lhe dar fundamento lingüístico e sabor pseudo-histórico. Não é uma fraude, é, simplesmente, um conto amoroso transpassado para cenário real.

Outro fato curioso é que Santiago demonstra conhecer os descaminhos do amor, pois, entre muitas frases do gênero, diz: “o amor é assim mesmo, doce de corpo presente e travoso na ausência” (SANTIAGO, 1965 p. 07). E isso vai de acordo com seus biógrafos, que ressaltam a pouca ortodoxia desse sacerdote com relação ao celibato (BRITO; OLIVEIRA, 2008 p. 46).

O autor deste livreto, padre Santiago, conhece os segredos de despertar a nossa comoção por meios simples, naturais, e belos. Pois nada é mais tocante do que essa longa e erma saudade chorada por uma bela índia por seu mancebo branco, fazendo sua melosa prece à lua: “fazei-o, ó Yaci, fazei-o voltar logo”.

Este pequeno e ingênuo romance intitulado *A lenda de Caricé* é ação que se desenvolve com mescla de filosofia e alguma verdade para os primórdios da ocupação dos agrestes paraibanos e por isso, apesar de ter sido adornado com elementos imaginativos, tem valor tanto literário como histórico, por sua narrativa rica onde os amores, a ingenuidade dos sentimentos, o pitoresco da linguagem, para as quais todos os louvores são poucos, se unem numa perfeita combinação do sentimento humano com a narrativa factual.

REFERÊNCIAS

- SANTIAGO, Pe. Luiz. **Fatos e lendas do meu sertão**. Gráfica A Imprensa: 1965.
 BRITO, Vanderley de; OLIVEIRA, Thomas Bruno. O polêmico padre Luiz Santiago. In: **Revista Estudos do Seminário**, nº III (org. Pe. João Jorge Rietveld). Campina Grande: Centro de Estudos do Seminário João Maria Vianney/J. Pessoa: Ed. Imprell, 2008.
 TAVARES, João de Lyra. **Apontamentos para a história territorial da Paraíba**. Edição fac-símilar a de 1909. Coleção Mossoroense, vol. CCXLV. Mossoró, 1982.

